

## O RINOCERONTE

Thiago Roney (UNB)<sup>1</sup>

A escova de dentes sempre foi o pior peso dos dias desde 1974, quando eu tinha 60 anos. Hoje, meu braço é o que pesa mais. No espelho, vejo agora dentes incomensuráveis. A escova parece um fiapo de algodão diante deles, intocáveis. Sempre escolhi a ilusão, obsessivamente. Como um redemoinho, ela me manteve em movimento constante, circunscrevendo com ímpeto o vórtice, o real, a desilusão. Fernandinho de Santa Cruz era uma mistura de elegância, Noel Rosa e gentileza. Havia conseguido criar meu sol, iluminava e ardia tudo, com sua avidez de viver. Hoje já tenho outro Último desejo: não parar mais de recitar no ouvido do absurdo os versos: “Hei de vê-lo voltar, ela dizia, o meu doce consolo, o meu filhinho. Passam-se anos, e o véu do esquecimento baixando sobre as coisas tudo apaga. Menos da mãe, no triste isolamento, a saudade que o coração esmaga”. Hoje, minhas pernas são o que pesam mais. No espelho, vejo agora olhos pretos baixos, caídos, abatidos, em forma de fendas inscritas no centro de veredas nebulosas. Uma palavra-chave passou a ser o meu pulsar. Não havia qualquer significado possível para ela. A cada proximidade de uma acepção, movia-se um horizonte de distância. “Escovo os dentes como quem toma sorvete, mãe, há coisa melhor que escovar os dentes e tomar um sorvete de... Sei lá... Figo? Ah! A descoberta de um sabor novo, de um desejo novo. Eis a cura para o suicídio! ”. Como daria sentido a uma ausência de uma presença viva impoluta, impositiva, intempestiva a todo o tempo? Preferi fazer o fantasma dançar dentro de mim e ao meu redor: “ele viajou”, “foi comprar um cigarro”, ou “virou cigano”, “virou palhaço”, ou ainda, “encontrou o sorvete de sabores eternos e transitórios”. Hoje, meu ombro opulento é que pesa mais. No espelho, vejo agora meu torso gordo sob uma pele espessa e enrugada em pregas. O retrato de Fernando na parede é o punhal que rasga todo dia a carne da palavra impronunciável de-sa-pa-re-ci-do. A carne sem significado claro dança como um samba triste no meu peito. Hoje, minha cabeça cônica é a que pesa mais. No espelho, vejo agora minha testa agigantada com protuberância montanhosa. Algo veio de dentro para fora, revertendo a lógica perversa do mundo sobre mim nas últimas décadas. Transfigurei-me, aos 105 anos, depois de ouvir aquela maldita frase do Senhor Presidente: “Ela não vai querer ouvir a verdade sobre o filho. Eu conto para ela ”. Hoje, minhas orelhas receberam o peso que

---

<sup>1</sup> Doutorando em Literatura pela Universidade de Brasília. E-mail: thiagoroney@hotmail.com

fez pesar mais de duas toneladas esse corpo novo. No espelho, vejo agora no centro do meu rosto um assombroso e forte chifre. Impávida, vejo um corpulento rinoceronte, feito o da xilogravura pendurada ao lado do retrato do Fernando sem muito destaque: o rinoceronte de Dürer. Melancólico, mas de um langor diferente, com uma sede ativa. Meu corpo hoje me diz que já posso dar sentido ao tormento e significado à palavra impronunciável. Basta que eu, com ódio, fure o bucho do mundo com a memória desse gritante chifre de rinoceronte.



Rinoceronte de Dürer